

Armada de Dumbledore e brigada inquisitorial: totalitarismo e resistência em *Harry Potter*

Dumbledore's Army and inquisitorial squad: totalitarianism and resistance in *Harry Potter*

PAULA, LUCIANE DE
lucianedepaula1@gmail.com

MOURA, GIOVANA
CRISTINA DE
giovana_lutecia@hotmail.
com

PALAVRAS-CHAVE:
Harry Potter;
Círculo de Bakhtin;
Ideologia;
Vozes sociais.

KEY-WORDS:
Harry Potter;
Bakhtin Circle;
Ideology;
Social voices.

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil; Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP e pós-doutora em Letras pela Université François Rabelais – Tours/França

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, São Paulo, Brasil; Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP

RESUMO: O objetivo deste artigo é refletir sobre as estratégias discursivas de dois grupos da saga *Harry Potter* (HP), a Armada de Dumbledore e a Brigada Inquisitorial, representados por duas mulheres, Hermione Granger e Dolores Umbridge, como, respectivamente, porta-vozes, respectivamente, uma não-oficial da resistência e outra, oficial do Estado (semiotizado pelo Ministério da Magia). A partir do embate entre essas duas vozes sociais, considerar-se-á, alicerçados nos estudos teórico-metodológicos bakhtinianos, os conceitos de “signo ideológico”, “enunciado” e “forças centrífugas e centrípetas”, como fundamentos reflexivos acerca da responsividade e da responsabilidade de alunos face ao discurso ministerial, marcado pelo conservadorismo, típico de governos autoritários no grande tempo da história, personificado, na obra ficcional, por uma professora específica, intitulada “Alta Inquisidora”. A relevância da discussão proposta se volta à relação dialógica de reflexo, refração e dupla refração entre ficção e realidade, como compreendido pelo Círculo bakhtiniano, especialmente, sobre o quanto a literatura fantástica, com seu acabamento estético específico, se encontra alicerçada no solo social e se volta à vida, como expressão de marca histórica. Os resultados revelam o quanto a valoração pela resistência, pautada na determinação, é considerada “bem” e o totalitarismo, “mal”, na narrativa, além de fazer refletir sobre sistemas de governo e educação, dada a configuração cenográfica da obra como acontecimento e evento estético, onde se passam as ações (na escola de Hogwarts).

ABSTRACT: The purpose of this article is to reflect on the discursive strategies of two groups in the *Harry Potter* (HP) saga, Dumbledore's Army and the Inquisitorial Squad, represented by two women, Hermione Granger and Dolores Umbridge, as, respectively, a unofficial spokespersons of

the resistance and another official of the State (semiotized by the Ministry of Magic). Based on the clash between these two social voices, the concepts of “ideological sign”, “statement” and “centrifugal and centripetal forces” will be considered, based on the Bakhtinian theoretical-methodological studies, as reflective foundations about the responsiveness and responsibility of students in face of the ministerial discourse, marked by conservatism, typical of authoritarian governments, in the great time of history, personified, in the fictional work, by a specific teacher, entitled “High Inquisitor”. The relevance of the proposed discussion turns to the dialogical relationship of reflexion, refraction and double refraction between fiction and reality, as understood by the Bakhtinian Circle, especially on how much fantastic literature, with its specific aesthetic finish, is founded on social soil and comes back to life, as an expression of a historical mark. The results reveal how much the valuation for resistance, based on determination, is considered “good” and totalitarianism, “evil” in the narrative, in addition to reflecting on systems of government and education, given the scenographic configuration of the work as an occurrence and event aesthetic, where the actions take place (at Hogwarts School).

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre dois movimentos expressivos que ganharam vida no quinto volume (*A Ordem da Fênix*¹) de *Harry Potter (HP)*: a Armada de Dumbledore em resposta à Brigada Inquisitorial, na escola de Hogwarts. Ainda que, no romance, as lideranças institucionais tenham representações, sempre, masculinas, a atuação das mulheres é muito expressiva e, no caso da organização dos grupos citados, Hermione Granger e Dolores Umbridge simbolizam certa função de liderança. Compreender o embate de forças semiotizado por essas duas personagens, entendidas como representantes de vozes sociais de valorações opostas, é o nosso objetivo.

Tomamos a saga literária de *HP* como um enunciado estético (Volóchinov, 1976), um romance seriado ancorado no plano da vida (Stam, 1992), uma vez que reflete e refrata discursos autoritários e resistentes, na esfera artística (Medviédev, 2012), ambientado num mundo de fantasia que, de certa forma, se calca no fundamento da liberdade associada à “não-realidade” (que sabemos, real, histórica e valorada). A narrativa aborda temáticas diversas, dentre as quais a manifestação de regimes autoritários, o racismo e as questões de gênero e classe, como estudam Paula e Siani (2019). O enredo é construído de forma polarizada, com base em dois grupos, colocados como “bem” e “mal”, como estudam Paula e Siani (2019, 2020a, 2021). Os signos de “bondade” e “maldade”, ao longo da saga, são associados às Casas², marcadas como rivais e são alunos dessas Casas que lideram os movimentos sobre os quais iremos discutir, na escola, caracterizada como microcosmo da sociedade mágica. Mais do que cenografia, a escola é palco/arena de embates sociais, pois reflete e refrata visões de mundo sociais, figurativizadas pela fantasia que constitui o mundo mágico de *HP*.

A concepção dialógica de linguagem do Círculo bakhtiniano, na qual nos fundamentamos, ancorada no materialismo histórico dialético, considera o jogo sem solução como arena de sujeitos, enunciados e valores. A síntese dialética não representa um ponto final ao embate. Ao

1. Utilizamos a primeira edição ilustrada (copyright do texto traduzido em 2003 e das ilustrações de 2013), publicada em 2015, da versão brasileira da obra, traduzida por Lia Wyler.

2. Existem quatro Casas na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts: Grifinória, Lufa-Lufa, Corvinal e Sonserina. Ao longo da narrativa, as qualidades “positivas” de um bruxo são associadas à Grifinória (em especial, a coragem), enquanto à Sonserina estão ligadas características “negativas” (“é a Casa que mais forma bruxos das trevas” e a ambição pelo poder). Entretanto, como evidencia Barissa (2019), atitudes que também podem ser consideradas “negativas” podem ser identificadas em membros de outras casas.

contrário. No movimento dialético-dialógico, a síntese apresenta e representa uma nova tese e instaura o diálogo em outro nível. Nesse jogo vivo da linguagem, em interação, os sujeitos (eu e outro) se constituem singular e socialmente.

A justificativa desta reflexão ocorre pela relevância social de pensarmos a arte como reflexo e (dupla) refração da vida, que a modifica de dentro. A temática do autoritarismo, da democracia, as estratégias de líderes tiranos para tomar o poder e controlar os sujeitos é um conteúdo universal. A forma como essa temática é abordada pela literatura fantástica configura, junto com o estilo genérico (romanesco) e autoral, a singularidade da obra que, apesar de se centrar num espaço-tempo fictícios, como entendem Bakhtin (2017, 2018), Medviédev (2012) e Volóchinov (2013, 2017, 2019), partem do solo social e a ele se voltam, como prisma que re-vela, no pequeno tempo-espaço criado, o grande tempo-espaço históricos.

Nesse sentido, apesar de *HP* ter sido escrito há mais de 20 anos, depois do fascismo e do nazismo, antes das configurações contemporâneas de ascensão da extrema direita no mundo; bem como localizar a narrativa em Londres (Inglaterra), pela universalidade da temática e pela configuração formal e estilística, dialoga com alguns eventos vividos. Esse diálogo é pertinente porque, segundo os estudos bakhtinianos, que fundamentam a reflexão aqui empreendida, o enunciado é elo na cadeia discursiva e, ao mesmo tempo, possui sua unidade arquitetônica singular, configurada pelo projeto de dizer enunciativo do autor-criador.

Assim, mesmo a trama não se voltando ao Brasil atual, vemos similitudes entre o autoritarismo do governo federal brasileiro e o ministério da magia da ficção, como muitas redes do *fandom* (um dos maiores do mundo) apresentam (ver estudos sobre essa relação em Paula e Siani, 2020a; Paula e Moura, 2021). Há, inclusive, discussões sobre a relação arte e vida, especialmente, literatura e política entre os leitores da obra. Logo, numa perspectiva focada na estética da recepção e na semiologia da obra, a leitura dialógica não só é possível, como coloca em jogo a heterogeneidade da linguagem e a plurissignificação tão defendida como proposta

sociológica e filosófica do Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov. Desse ponto de vista é que tomamos a obra em seu movimento enunciativo vivo que permite leituras variadas, com aproximações e distanciamentos espaço-temporais locais e universais, seja como memória de passado seja como memória de futuro.

Como Medviédev (2012) e Volóchinov (2017), não compreendemos o discurso literário como “abstrato” nem, tampouco, como “idealista”. Os pensadores refutam o “objetivismo abstrato” que descreve os atos de linguagem como “neutros”, fora do contexto e do uso; assim como o “subjativismo idealista” do formalismo russo, que aparta a ficção da realidade. Ao mesmo tempo em que também não veem a obra estética como mimese aristotélica da realidade, já que apreensão indireta e parcial do mundo, a depender dos “lugares de fala” dos sujeitos, seus valores, grupos e vozes sociais. Tendo isso em vista, este estudo é atual porque pode descortinar o funcionamento de sistemas autoritários similares, com o devido cuidado para a relação de circularidade entre arte e vida (Machado, 2017) e, aqui, consideraremos a relação entre o nazifascismo, o romance de HP e o Brasil contemporâneo, especialmente ao que concerne às propostas educacionais. Por isso, a delimitação do estudo se centra no quinto livro da saga de Rowling.

Conforme Bakhtin (2010), a posição que o sujeito ocupa é expressa na interação. De acordo com Calefato, Ponzio e Petrilli (2007), a filosofia da linguagem bakhtiniana se funda na escuta ativa do outro, como compreensão responsiva que, conforme Geraldi (2012), constitui sua heterociência ou, como afirmaram Freitas, Jobim e Souza e Kramer (2003), uma outra forma de pensarmos as humanidades e as sociabilidades.

As dicotomias “bem” e “mal” ganham vida em *HP*. A arte revela posicionamentos sociais. Dentre eles, concretizados em signos ideológicos, o “bem” e o “mal” (Volóchinov, 2017), no caso, a partir de sujeitos e Casas considerados heroicos ou vilanescos. Refletir sobre como a Armada e a Brigada, como, respectivamente, força centrífuga (infraestrutural, dispersiva e

resistente) e centrípeta (superestrutural, centralizadora e de tendência homogeneizante) (Volóchinov, 2017), contrária e favorável à intervenção do Ministério na escola, é o intuito deste artigo, que se estrutura alinhando teoria e análise, que não são pensadas separadamente.

3. Doravante referiremos esta personagem tanto pelo nome próprio Dolores quanto pelo sobrenome Umbridge.

Partimos dos sujeitos Hermione e Dolores³ para compreendermos as personificações de resistência e hegemonia. Com isso, chegamos à constituição valorativa da Armada e da Brigada e aos resultados, voltados à relação arte e vida, em que a escola é a ágora de embates entre grupos, vozes e valores sociais no mundo da magia e bruxaria de HP.

2. O SUJEITO BAKHTINIANO: O PAPEL DE HERMIONE E UMBRIDGE EM HARRY POTTER

O sujeito (eu), para o Círculo bakhtiniano (Bakhtin, 2008; Jakubinskij, 2015; Volóchinov, 2013, 2017), constitui-se no e pelo outro. A alteridade (Geraldini, 2010; Ponzio, 2010) é essencial para os estudos bakhtinianos porque é o outro, com seu excedente de visão, que atribui acabamento ao eu, a partir do diálogo. No caso de *HP*, as personagens Hermione e Dolores personificam vozes de sujeitos e grupos sociais opostos. A linguagem semiotiza as relações entre sujeitos, que se constituem mutuamente como eu-outro no jogo da comunicação viva. Nesse sentido, de maneira dialético-dialógica (Paula, Figueiredo e Paula, 2011), a censura, a violência, a perseguição e o controle, assumidos por Umbridge, são respondidos pelos atos (Bakhtin, 2010) de linguagem dos alunos que compõem a Armada, organizada por Hermione que, por sua vez, retroalimenta outras respostas de Umbridge, com novos Decretos. A tensão entre as vozes refletidas e refratadas pelas personagens revela posicionamentos: os alunos treinam feitiços às escondidas, em resposta ao controle, à perseguição e à repressão que sofrem; e Umbridge, em resposta, instaura a Brigada para descobrir os “infratores”.

Os movimentos expressam posições acerca do controle do Ministério na escola. Conforme Bakhtin (2017), Medviédev (2012) e Volóchinov (2019), a arte parte e se volta a dada cultura

(Ribeiro & Sacramento, 2010) que, em nosso tempo, é híbrida (Canclini, 2013), hipermoderna (Lipovetsky, 2004) e hipercultural (Han, 2019). Como ocorreu, por exemplo, no Brasil, nos anos 60/70, em que a UNE (União Nacional dos Estudantes) protagonizou a resistência à ditadura militar, que durou 21 anos e instituiu 16 Atos Institucionais (AI) – mecanismos legais que se sobrepunham à Constituição. Nesse período houve restrição à liberdade, repressão aos opositores do regime por meio de tortura e censura.

Os Atos Institucionais (AIs) nos remetem aos decretos criados por Umbridge, em nome do Ministério da Magia, em *HP* e configuram um *modus operandi* de governos ditatoriais. Esses decretos (os AIs, no Brasil e os atos inquisitoriais em *HP*) atribuem plenos poderes aos líderes totalitários e garantem a sua permanência no poder.

Em 1968, Costa e Silva (o segundo militar a governar o país) promulgou o AI 5⁴. Esse decreto atribuía direito ao governo de punir arbitrariamente os inimigos do regime, como Umbridge faz no quinto livro da saga de *HP*. Nesse período, em resposta ao regime repressivo, começaram a surgir grupos de resistência, contra os quais houve forte repressão (com torturas, assassinatos e exílios).

Tanto a obra de Rowling quanto o Brasil ditatorial se calcam numa estrutura política “*panis et circenses*”, como demonstram as pesquisas do cientista político Ramirez (FESP-SP)⁵. No romance de Rowling, o quadribol era responsável pela distração e euforia diante de atos escusos. No Brasil, essa função foi assumida (estimulada inclusive econômica e midiaticamente) pelo futebol, como apontam estudos de ciência política e de comunicação jornalística voltados ao papel social do futebol no país, comparando os períodos da Ditadura Militar e hoje, no governo Bolsonaro⁶. O 28º Presidente do Brasil, Emílio Garrastazu Médici, no terceiro período da ditadura militar brasileira, adotou campanhas publicitárias ufanistas (como “Brasil, ame-o ou deixe-o”, “Ninguém mais segura esse país”, “Pra frente Brasil” e “Brasil, o país do futuro”) que estimulavam o sentimento de orgulho nacional na população. Esta, passou a acreditar que qualquer sacrifício valeria, em nome da nação⁷. Diante de desaparecimentos, tortura e mortes

4. O AI 5 é considerado o mais radical dos AIs e, de 2019 a 2021, o governo de Jair Bolsonaro e seus adeptos têm “reivindicado” a sua volta, ainda que esses atos antidemocráticos sejam considerados crimes políticos pela Constituição Federal brasileira de 1988.

5. Uma das declarações feitas por Ramirez a partir de suas pesquisas sobre a política pão e circo no Brasil atual se encontra disponível em: <https://falauniversidades.com.br/opiniao-politica-pao-e-circo-brasileira-entenda-como-ela-funciona/>. Acesso em: 15 out 2021.

6. Notícias e documentários jornalísticos, como o da BBC, entre outros, divulgam estudos, como o do historiador Flávio de Campos, da USP, que denunciam essa estratégia, como disponível, por exemplo, em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53398535>. Acesso em: 15 out 2021.

7. Estabelecendo um paralelismo com a atualidade, hoje o sentimento nacionalista volta à tona, com a expressão “cidadão de bem”, que se coloca como aquele servo à disposição do Brasil e parece entender o país como o Presidente Jair Bolsonaro, como ocorre com os Comensais da Morte e demais adeptos de Volde-mort, em *HP*.

verificados nesse período, diversos setores da sociedade passaram a se mobilizar e a denunciar as atrocidades cometidas pelo governo, como ocorre com a desobediência civil dos alunos que compõem a Armada de Dumbledore e um grupo daquela sociedade se organiza e integra a Ordem da Fênix.

No âmbito da educação, o movimento estudantil foi muito atuante e essencial no tempo do Brasil ditatorial⁸. De certa forma e resguardadas as devidas proporções, com acabamento estético literário, no universo da fantasia do mundo dos bruxos, a Armada de Dumbledore reflete e refrata o potencial de resistência dos estudantes, assim como a Brigada Inquisitorial, que, a seu turno, acaba como porta-voz do Ministério da Magia e da Alta Inquisidora, contra seus iguais, denotando a falta de consciência de classe de determinados grupos e sujeitos.

Esse embate entre vozes, grupos e forças ocorre porque, no quinto livro da saga, o Ministério (representante correspondente ao Governo do mundo dos bruxos) envia à Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts uma representante. A principal justificativa para a presença de Dolores Umbridge na escola é a negação por parte do Ministério da Magia de que o vilão da série, Lorde Voldemort, havia retornado da morte. A partir desse argumento é que os atos anti e pró-ministério organizam sujeitos e grupos, em resposta ética e responsável (Bakhtin, 2010) à intervenção do Ministério em Hogwarts: a Armada de Dumbledore (idealizada por Hermione e liderada por Harry), com membros pertencentes às Casas Grifinória, Lufa-Lufa e Corvinal; e a Brigada Inquisitorial, instaurada por Umbridge, em resposta à Armada, autorizada pelo próprio Ministério da Magia, composta por alunos-moradores da Sonserina.

A relação entre infra e superestrutura revela quem são os sujeitos que concordam com o totalitarismo do Ministério da Magia e os que negam essa ideologia. A luta existente entre grupos com embates valorativos coletivos diferentes semiotiza o movimento dialético-dialógico existente na trama: de um lado, representantes de uma classe abastada (os membros da Brigada Inquisitorial pertencem a uma Casa específica, com famílias ocupando os maiores cargos no Ministério da Magia e são protegidos durante a intervenção desse Ministério na escola); de ou-

8. Fazendo uma breve contextualização dos movimentos estudantis da época, podemos relembrar que o CCC (Comando de Caça aos Comunistas), autodeclarado por seus adeptos como “conservador e de direita”, entrou em embate com a UNE (União Nacional dos Estudantes), de ideias mais à esquerda, muitas vezes, em prol do regime militar e contra a democracia defendida pela UNE, o que colocou em jogo valores, instituições [o CCC era composto, majoritariamente, por estudantes da Universidade Mackenzie; e a UNE, por estudantes da Universidade de São Paulo (USP) e da Pontifícia Universidade Católica (PUC)] e sujeitos; e, nos anos de 2015 a 2018, a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) apoiou a organização dos estudantes contra a reforma do ensino médio (que abolia filosofia e outras disciplinas da área de humanas do currículo obrigatório).

tro, representantes que rejeitam os valores preconizados por esse órgão institucional supremo e se situam na infraestrutura da sociedade mágica (os perseguidos, censurados, desamparados e combatidos por Umbridge e por sua Brigada, em geral, não são “sangue-puros”, pertencem a classes sociais não privilegiadas e são discriminados por suas condições econômicas, de raça e de gênero, como estudado por Paula e Siani (2019).

Enquanto a Armada é clandestina e ilegal, com reuniões realizadas em ambientes escondidos, marcada pela desobediência dos alunos, inconformados com a postura ditatorial persecutória abusiva da intervenção do Ministério e, criada como forma de proteção e reação de resistência responsável subversiva, contrária ao autoritarismo instaurado “em tempos sombrios”, de reinado do “mal” (marcado pela volta de Voldemort); a Brigada é institucionalizada e amparada pelo Ministério da Magia, com poder e atos disciplinares.

O primeiro Decreto Educacional Inquisitorial instaurado por Umbridge recebeu o nome de “Decreto Educacional Número Vinte e Quatro” e foi criado em 7 de outubro de 1995, depois de Dolores saber sobre a existência da Armada. O Decreto implanta a anulação da liberdade de expressão e de organização coletiva na escola, pois proíbe reuniões regulares de qualquer sociedade, time, grupo ou clube e qualquer aluno encontrado em descumprimento desse Decreto seria expulso. Com isso, todas as organizações estudantis foram dissolvidas e qualquer encontro com mais de três alunos era considerado conspiratório e ilegal, como é típico de regimes ditatoriais (semelhante ao ocorrido no Brasil), com objetivo de enfraquecer e dificultar a organização social de grupos dissidentes.

À semelhança do que ocorre na obra em análise, a história do Brasil é constituída por períodos ditatoriais em meio à busca da consolidação de uma sociedade republicana e democrática. Há uma disputa de poder por forças opostas, que podemos chamar, fundamentadas em Bakhtin e Volóchinov, de centrípetas e centrífugas.⁹

As próprias campanhas de propaganda política que conduzem alguns dos líderes totalitários

9. Os sucessivos golpes ocorridos no Brasil reiteram um discurso totalitário, marcado por ditaduras, calcado no ultranacionalismo eugenista de direita, em contraposição à luta pela defesa do Estado Democrático de Direito.

10. De acordo com fatos públicos, a campanha que conduziu o atual presidente ao poder foi orquestrada por Steve Bannon, o mesmo idealizador da campanha de Donald Trump, com um discurso que os analistas designam como negacionista, armamentista, revisionista e fundamentalista.

11. Essas práticas podem ser associadas ao denunciamento estimulado no/ pelo governo de Bolsonaro no Brasil, desde 2019, em explícito ataque a professores e universidades públicas, com solicitação de gravação de aulas e envio ao Ministério de Educação e Cultura.

12. Hogwarts se estrutura pela competição entre alunos e suas Casas. Quando um aluno se destaca consegue pontos para a sua Casa e quando comete uma infração, pontos são retirados. Apenas professores possuem poder para retirar pontos dos alunos, porém Umbridge autoriza esse poder punitivo aos membros da Brigada.

13. Os Monitores são responsáveis por vigiar a escola e colaborar com a garantia da ordem. Contudo, não podem retirar pontos de ninguém, mas podem alertar os alunos e denunciá-los, em caso de desobediência, àqueles que possuem poderes para puni-los (os professores, em especial, os chefes de cada Casa e o Diretor).

14. Posição em Hogwarts ocupada por um professor nomeado pelo Ministério da Magia para perseguir professores e alunos, bem como para assegurar que os Decretos Educacionais definidos pelo Ministério sejam seguidos. O cargo é assumido por Dolores com o Decreto Educacional Número Vinte e Três.

ao poder¹⁰ são, por vezes, calcadas em *Fake News*, como, muitas vezes, ocorre no jornal oficial do mundo bruxo em *HP*, “O Profeta Diário”, que difama Harry e Dumbledore, com notícias mentirosas que os colocam em descrédito, assim suas vozes, além de não serem ouvidas, são repelidas como “más”. Essa não é uma estratégia retórica e política nova e é muito utilizada em período totalitários da história, por sistemas e líderes autoritários.

Na obra de Rowling, os Decretos (os AIs da obra fictícia) se restringem à esfera da educação e surgem sempre que a resistência, na infraestrutura, estremece a superestrutura, no caso, representada pelo Ministério (na figura de Dolores). Com esses Decretos, as aulas passam a ser inspecionadas e os professores podem ser demitidos, tendo sua liberdade de cátedra cassada; o programa e a forma de condução da disciplina de Defesa Contra as Artes das Trevas são modificados; alunos não podem fazer magia durante as aulas; professores e alunos que saibam de algum tipo de articulação da resistência devem denunciar os infratores¹¹; a livre manifestação de preconceitos e a tortura passam a ser práticas recorrentes em Hogwarts.

Dadas as condições hierárquicas desiguais na saga, os integrantes da Armada são perseguidos, não apenas por Umbridge, mas também (por comando dela) pela Brigada, que, além de ganhar créditos extras por atividades e por comportamento, pode descontar pontos¹² de seus colegas (poder que nem mesmo os Monitores¹³ da escola possuem, apenas professores) e delatá-los para serem torturados por Dolores. Como “Alta Inquisidora de Hogwarts”¹⁴, Umbridge autoriza o zelador, Argo Filch, a usar algemas e chibatadas para proibir o que entende como “alunos infratores”, os questionadores e autônomos.

A cada Decreto instaurado, os alunos se articulam para burlar esses dispositivos de controle, opressão e repressão. A Armada tem o objetivo de aprender feitiços defensivos, para se proteger do vilão da saga, que retornou depois de ter sido dado como morto. O Ministério inicia uma campanha em sua mídia oficial, o jornal “O Profeta Diário”, para acusar (de mentirosos) aqueles que confirmam o ressurgimento de Voldemort. Na escola, Dolores, voz oficial ditatorial do Ministério, vigia, persegue e pune os “rebeldes”. Ela “convida” os alunos que discor-

dam da voz/versão governamental à detenção e os tortura. Uma das punições mais usadas é a escrita, com uma pena mágica, num papel, da frase “eu não devo contar mentiras”. Frase que aparece marcada com o sangue do próprio estudante, em seu pulso.

Desde o primeiro dia de volta às aulas em Hogwarts, no 5º livro, Hermione, percebe, tanto pelo discurso de Dumbledore quanto pela postura de Dolores, que o Ministério vai intervir na escola e, à medida que os Decretos são instaurados, ela sugere a criação da Armada de Dumbledore, como resposta de oposição e resistência a esses atos ditatoriais, como forma de proteção. Por meio da alteridade (tanto de Hermione quanto de Dolores) é que as relações sociais entre sujeitos (os estudantes) tomam forma, de maneira responsiva e responsável.

Assim, um grupo de alunos se organiza autonomamente como voz de resistência, enquanto, também em resposta (daí, o jogo dialético-dialógico), outro grupo de alunos se coloca à disposição e em apoio a Dolores, convocados por ela (e não por decisão e atitude própria, diferente do grupo que compõe a Armada), na composição da Brigada, em troca de recompensas (pontos extras). Os propósitos de cada movimento (Armada e Brigada), assim como os dos alunos que se dividem em dois grupos e na interação entre si e com a Inquisidora, são diferentes, o que reflete e refrata os valores de cada sujeito e grupo, na relação que estabelece com o outro, em ato (de linguagem e prática social).

A primeira aparição de Umbridge no romance ocorre quando Harry é submetido a um julgamento no Ministério, por ter utilizado magia fora da escola, sendo menor de idade. O enredo é narrado pela ótica do protagonista, pois o romance se estrutura por meio de um narrador de terceira pessoa, que conta a história a partir do ponto de vista e memória de Harry, logo, imputa valorações que o herói possui sobre personagens, eventos e acontecimentos no seu ato de dizer. Ao descrever Dolores, por exemplo, o narrador a qualifica com adjetivos pejorativos que já a colocam como a vilã que se confirma ao longo do livro 5 da saga:

Achou-a igualzinha a um grande sapo claro. Era baixa e gorda, tinha uma cara larga e flácida, o pescoço era quase tão inexistente quanto o do tio Válter e a boca, frouxa. Os olhos eram enormes, redondos e ligeiramente saltados. Até mesmo o lacinho de veludo preto encarrapitado no alto de seus cabelos curtos e crespos fez o garoto imaginar um moscão que ela estivesse prestes a apanhar com sua língua comprida e pegajosa. (...). A bruxa falou numa voz aguda, aflautada e infantil, que espantou Harry; esperara que ela coxasse. (Rowling, 2015, p. 123).

Características como “baixa”, “gorda”, “igual a um sapo”, “frouxa”, “flácida”, “olhos enormes e saltados”, “cabelos curtos e crespos”, “língua comprida e pegajosa” que “coaxa”, “vestimenta delicada e tradicional” (sempre na cor rosa) e a “voz (aguda, aflautada e infantil)” são ressaltadas na narração e compõem a significação e o papel que desempenha na trama, de delatora, burguesa, opulenta, conservadora, persecutória e histórica (como citado).

Volóchinov (2017) entende que é no signo que a ideologia se manifesta, uma vez que o constitui. Afinal, o que expressamos pela linguagem não são meros lexemas ou tópicos frasais, mas valores (verdades, mentiras etc), na relação que constitui os sujeitos e as relações sociais. Assim, o tom da voz estridente, as atitudes infantis, os olhos arregalados, a língua grande e a vestimenta rosa, sempre enfatizados pelos alunos (orquestrado pelo narrador), revelam uma avaliação deles (os outros) sobre Dolores, que a constituem como “sapo” e “cobra” (“nojenta” e “falsa”). O olhar do outro sobre o eu, tanto quanto o do eu sobre o outro, reverbera valorações e altera os sujeitos mutuamente pela “fala dialogal” (Jakubinskij, 2015; Volóchinov, 2013). A linguagem não é neutra, o que implica em sempre se posicionar em relação a um enunciado, de maneira responsiva e responsável (Bakhtin, 2010).

O horizonte cultural que permeia a relação entre sujeitos é refletido e refratado por ideologias materializadas em enunciados. Em diversos momentos da disciplina Defesa Contra as Artes das Trevas, Hermione confronta Umbridge em razão da falta da prática de feitiços:

– Tenho uma pergunta sobre os objetivos do curso – disse Hermione.

A Profª Umbridge ergueu as sobrancelhas.

– E como é o seu nome?

– Hermione Granger.

– Muito bem, Srta. Granger, acho que os objetivos do curso são perfeitamente claros se lidos com atenção – respondeu em um tom de intencional meiguice.

– Bem, eu não acho que estejam – concluiu Hermione secamente. – Não há nada escrito no quadro sobre o uso de feitiços defensivos (Rowling, 2015, pp. 198-199).

Esse confronto entre aluna e professora revela a voz social que reverbera em cada personagem. A resposta carrega marcas de outras vozes e índices de valores. As matrizes ideológicas constituem o contexto cultural e se manifestam, na relação entre os sujeitos (Medviédev, 2012). As atitudes de Umbridge instigam e provocam Hermione a propor um movimento com valores contrastantes em relação à postura de Dolores e dos Decretos Educacionais instaurados na escola ao longo de sua gestão.

Um estigma é reiterado na trama: o vermelho heroico e o verde vilânico, marcados pela dicotomia “bem” e “mal” (Paula e Siani, 2019), “coragem” e “covardia” (Barissa, 2019). A Sonserina, representada pela cor verde, é taxada como a Casa dos cruéis, sádicos e sedentos por poder, enquanto a Grifinória, representada pela cor vermelha, é caracterizada como a casa da coragem. Hermione e Harry são membros da Grifinória e da Armada (semiotizada pelo vermelho, rebelde e do “bem”), enquanto o exército de Voldemort e a Brigada (simbolizada pelo verde, obediente e do “mal”) são compostos por alunos da Sonserina.

Hermione se destaca pela sua inteligência, sagacidade e liderança. É ela quem sustenta o trio de protagonistas, desvenda os enigmas narrativos e encontra soluções para situações problemáticas às quais são submetidos ao longo dos sete livros e oito filmes. Umbridge, por sua vez,

é purista (mesmo não sendo uma bruxa “sangue puro”), menospreza os considerados “sangue ruim” e age em nome do Ministro da Magia e de Voldemort. Além disso, faz uso da violência para controlar os alunos e utiliza o discurso ministerial como justificativa para os seus atos. Hermione e Dolores semiotizam valores, vozes e imagens de mulheres opostos – não à toa, elas lideram a Armada e a Brigada, assim como lideram grupos em confronto.

Na relação de alteridade, as vozes representadas por Hermione e Umbridge se revelam, em especial no embate dos movimentos por elas, de certa forma, liderados (embora a força masculina nesses movimentos seja mais enfatizada). Na e pela relação de alteridade, entendida por Bakhtin (2010) como “eu-para-mim”, “eu-para-o-outro” e “outro-para-mim” é que é revelada a dicotomia “bem” e “mal” enfatizada pela saga. A Armada de Dumbledore (caracterizada como “bem”, com a maioria de alunos da Grifinória) e a Brigada Inquisitorial (“mal”, com alunos da Sonserina) refletem e refratam essa oposição discursiva valorativa.

3. FORÇAS CENTRÍFUGAS E CENTRÍPETAS: ANTI E PRÓ MINISTÉRIO DA MAGIA

Este artigo apresenta uma reflexão sobre dois movimentos. As forças centrífugas e centrípetas são representadas, nos objetos estudados, respectivamente, por um movimento contrário à intervenção do Ministério da Magia em Hogwarts (Armada de Dumbledore) e outro favorável à intervenção (a Brigada Inquisitorial). Grupos que se materializam a partir do embate de vozes opostas. Segundo Paula e Gonçalves (2020), o enunciado é sempre genérico e nasce, circula e é recebido nas esferas da atividade humana, por meio da interação entre sujeitos. Essa interação provoca respostas aos enunciados (no caso, ao discurso ministerial, representado por Umbridge). Em outras palavras, o enunciado reflete e refrata vozes sociais, de forma responsiva.

Paula e Gonçalves (2020, p. 21) reiteram que o enunciado: “(...) integra a corrente discursiva com sua singularidade arquitetônica e genérica, num jogo vivo dialógico com acabamento, mas sem se tornar acabado – o ponto final de um texto não fecha/encerra a interação”. Por essa

razão é que a cada articulação dos alunos que resistem à ação do Ministério em Hogwarts, novos Decretos Educacionais são instituídos por Umbridge. Nesse sentido, as valorações presentes nos enunciados ecoam, ressoam e reverberam outras vozes, anteriores e futuras. O discurso ministerial, com vistas a combater a liberdade, insere-se na escola por meio da presença de Dolores, desde quando se apresenta como docente, em que deixa clara a intenção interventiva do ministério e sua função inquisitorial:

– O ministro da Magia sempre considerou a educação dos jovens bruxos de vital importância. Os dons raros com que vocês nasceram talvez não frutifiquem se não forem nutridos e aprimorados por cuidadosa instrução. As habilidades antigas, um privilégio da comunidade bruxa, devem ser transmitidas às novas gerações ou se perderão para sempre. O tesouro oculto de conhecimentos mágicos acumulados pelos nossos antepassados deve ser preservado, suplementado e polido por aqueles que foram chamados à nobre missão de ensinar. Todo diretor e diretora de Hogwarts trouxe algo novo à pesada tarefa de dirigir esta escola histórica, e assim deve ser, pois sem progresso haverá estagnação e decadência. Por outro lado, o progresso pelo progresso não deve ser estimulado, pois as nossas tradições comprovadas raramente exigem remendos. (...) Entrementes, alguns velhos hábitos serão conservados, e muito acertadamente, enquanto outros, antigos e desgastados, precisarão ser abandonados (...), visando a preservar o que deve ser preservado, aperfeiçoando o que precisa ser aperfeiçoado e cortando, sempre que encontrarmos, práticas que devem ser proibidas (Rowling, 2015, pp. 175-176).

Ao refletirmos sobre o discurso dos dois movimentos aqui analisados, que condenam e coadunam com o Ministério, com base em Medviédev (2012), consideramos as particularidades sociais dos grupos em interação (alunos e professores, assim como alunos entre si – entre casas e dentro delas) e a complexidade do horizonte ideológico no qual essa interação toma forma (na escola de Hogwarts). Pensar no contexto da escola é fundamental, pois, como afirmam Paula e Gonçalves (2020, p. 30): “em momentos de exceção, a educação é sempre atacada, tomada como uma inimiga muito perigosa, dado o seu caráter emancipatório (e, também por isso, a educação, nesses momentos, sofre mais: cortes de investimentos, cerceamentos de cátedra e outras tantas perseguições)”.

15. À guisa de ilustração, citamos dois casos brasileiros: no governo atual, a indicação de reitores às universidades públicas federais, desde 2019, não tem a lista tríplice de eleição legítima efetuada nas instituições respeitadas e nomes que nem sempre são os eleitos pelos pares ou mesmo indicados na lista têm tomado posse, o que denota uma intervenção governamental ditatorial; e o caso, na ditadura, nos anos 70, de os militares invadirem as universidades, em especial, a Universidade Estadual de São Paulo (USP), à noite e apagarem as luzes, entrarem nas salas e, quando as luzes reacendiam, um estudante havia sido levado da sala. Em resposta, por estratégia de proteção, toda vez que as luzes se apagavam, os estudantes diziam “ninguém solta a mão de ninguém” e todos davam as mãos para dificultar os “desaparecimentos” das pessoas. Essa expressão, na vitória do atual presidente do Brasil, foi recuperada e viralizou como símbolo de resistência em memória ao passado recente.

A intervenção governamental e o processo persecutório a alunos e professores existente na ficção é reflexo e refração de estratégias totalitárias reais.¹⁵

As forças centrípetas e centrífugas revelam o embate entre a superestrutura e a infraestrutura. Paula e Oliveira (2019, p. 360) afirmam, a partir dos estudos bakhtinianos, que o enunciado é um participante ativo na cadeia discursiva: “o enunciado apresenta uma visão sobre resistência e responde a outros (em oposição ao medo e à insegurança e em confirmação à força coletiva e protetora)”. A Armada de Dumbledore responde ao seu outro discursivo, Umbridge e o Ministério da Magia, que a ela também responde com a criação da Brigada Inquisitorial e a disseminação de decretos educacionais.

O tom do enunciado marca a valoração da voz de um sujeito. Assim: “refletir sobre um enunciado significa compreender a vida como acontecimento discursivo por meio de uma unidade de interação que semiotiza axiologias a partir de determinado ponto de vista (uma assinatura autoral)” (Paula e Silva, 2019, p. 41). A partir da atuação da resistência, a intervenção do Ministério se intensifica e os decretos proliferam, noticiados pelo “O Profeta Diário”, como ocorre com a nomeação de Umbridge:

MINISTÉRIO QUER REFORMA NA EDUCAÇÃO

DOLORES UMBRIDGE NOMEADA PRIMEIRA ALTA INQUISIDORA DA HISTÓRIA

(...) Hermione leu em voz alta:

– Ontem à noite, o Ministério da Magia surpreendeu a todos aprovando uma lei que concede ao próprio órgão um nível de controle sem precedentes sobre a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

“Já há algum tempo, o ministro tem se mostrado apreensivo com o que acontece em Hogwarts”, comentou seu assistente-júnior, Percy Weasley.

“O decreto é uma resposta às preocupações expressadas por pais ansiosos que sentem que a escola está trilhando um caminho que desaprovam.”

Não é a primeira vez nas últimas semanas que o ministro Cornélio Fudge tem usado novas leis para realizar aperfeiçoamentos na escola de magia. Em 30 de agosto recente, foi aprovado o Decreto de Educação n. o 22, para assegurar que, na eventualidade do atual diretor não conseguir apresentar um candidato a uma vaga de professor, o Ministério selecione uma pessoa habilitada.

“Foi assim que Dolores Umbridge acabou sendo indicada para o corpo docente de Hogwarts” (Rowling, 2015, pp. 252-253).

A atribuição do cargo de Alta Inquisidora a Dolores e a sua atuação desencadearam a articulação e a criação da Armada de Dumbledore. Com essa nomeação, as forças centrípetas e centrífugas se evidenciam no embate dialético-dialógico vivo entre vozes sociais que se concretizam no enunciado romanescos pelos agrupamentos dos sujeitos.

As relações dialógicas nos permitem observar as direções consonantes e dissonantes das vozes e valorações. A recusa à intervenção advém, principalmente, de Hermione, que impulsiona a organização de um movimento, a fim de reagir responsiva e responsabilmente a Umbridge e ao Ministério. Esse processo toma forma na tensão entre diferentes pontos de vista. Hermione questiona os métodos e a postura de Umbridge e mobiliza os alunos:

– Ela é uma mulher horrível – disse Hermione baixinho. – Horrível. Sabe, eu estava dizendo ao Rony quando você entrou... temos de fazer alguma coisa a respeito dela. (...) alguma coisa para divulgar que é uma péssima professora, e que não vamos aprender Defesa alguma com ela – explicou Hermione.

(...) – Estive pensando... talvez tenha chegado a hora de simplesmente... simplesmente nos virarmos sozinhos.

– Nos virarmos sozinhos fazendo o quê? – perguntou Harry, desconfiado, mantendo a mão flutuando na essência de murtisco.

– Bom... aprendendo Defesa Contra as Artes das Trevas sozinhos – concluiu Hermione (Rowling, 2015, p. 267).

Oliveira (2020) compreende as forças centrípetas como homogêneas. Há uma supervalorização de um ponto de vista considerado ideal por um grupo, em geral, aquele que se encontra no poder. No caso, o que o Ministério da Magia considera fundamental para a educação, numa tendência unificadora que não admite a heterogeneidade. As forças centrífugas, por sua vez, tendem à dispersão e tensionam as valorações ao resistirem à centralização hegemônica-centrípetas. As forças centrípetas e centrífugas evidenciam-se em todo e qualquer enunciado (Medviédev, 2012), a partir de uma unidade contraditória entre tendências opostas (Barissa, 2019). O diálogo de Hermione e da Armada de Dumbledore com Umbridge e a Brigada Inquisitorial se manifesta no embate dessas forças:

– Guardem as varinhas – mandou ela com um sorriso, e aqueles que esperançosamente haviam apanhado as varinhas, com tristeza as repuseram nas mochilas.

– Como terminamos o capítulo um na aula passada, hoje eu gostaria que abrissem na página dezenove e começassem a ler o capítulo dois “Teorias de defesa comuns e suas derivações”. Não haverá necessidade de conversar.

(...) Hermione erguera novamente a mão no ar. A professora (...) deu a volta na primeira fila de carteiras até ficar cara a cara com a garota, então se inclinou e murmurou, de modo que o restante da classe não pudesse ouvi-la:

– O que é agora, Srta. Granger?

– Já li o capítulo dois.

– Então passe para o capítulo três.

– Já li também. Já li o livro todo.

A Prof^a Umbridge piscou os olhos, mas recuperou sua pose quase instantaneamente (Rowling, 2015, p. 260).

O excerto demonstra o embate face-a-face entre dois sujeitos que, a posteriori, personificam o embate entre os grupos da Armada e da Brigada e, num crescente, entre Harry e Voldemort, entre o “bem” e o “mal”, centrífuga e centripetamente.

Segundo Volóchinov (2017), a tensão causada pelas forças monologizadoras e resistentes dá vida ao conflito entre vozes. Há estratégias que tentam monologizar o discurso, entretanto, isso não anula o seu caráter dialógico. Embora a gestão de Umbridge se torne mais violenta paulatinamente (com mais alunos perseguidos, presos e torturados), os Decretos não são suficientes para silenciar a Armada de Dumbledore. Ao contrário. O controle, o abuso de poder, as arbitrariedades, a violência gratuita, as inspeções preconceituosas e imparciais das aulas dos professores, a proibição e a delação são alguns dos fatores que fazem com que responsiva e responsabilmente a Armada atue. Outro exemplo desse embate de forças e vozes entre Hermione/Armada/“bem” e Dolores/Brigada/Ministério/“mal”, surge no exemplo:

– Bem, então, você deverá poder me dizer o que Slinkhard escreveu sobre as contra-azarações no capítulo quinze.

– Ele escreveu que a denominação contra-azarações é imprópria – respondeu Hermione imediatamente – E que contra-azaração é apenas o nome que as pessoas dão às suas azarações quando querem fazê-las parecer mais aceitáveis.

A Prof^a Umbridge, ergueu as sobrancelhas (...).

– Mas eu discordo – continuou Hermione.

As sobrancelhas da professora subiram um pouco mais, e seu olhar se tornou visivelmente frio.

– A senhorita discorda?

– É, discordo – confirmou Hermione, que, ao contrário de Umbridge, não murmurava, falava em uma voz alta e clara, que a essa altura já atraía a atenção do resto da turma. – O Sr. Slinkhard não gosta de azarações, não é? Mas acho que podem ser muito úteis quando são usadas defensivamente.

– Ah, então essa é a sua opinião? – disse a professora, se esquecendo de murmurar e endireitando o corpo. – Bom, receio que seja a opinião do Sr. Slinkhard que conte nesta sala de aula, e não a sua, Srta. Granger.

– Mas... – recomeçou Hermione.

– Agora basta – disse a professora. Voltou, então, para a frente da sala e se postou ali, mas toda a segurança que exibira no início da aula se perdera.

– Srta. Granger, vou tirar cinco pontos da Grifinória.

Houve uma eclosão de murmúrios.

– Por quê? – perguntou Harry indignado.

– Não se meta! – cochichou Hermione para ele, ansiosa.

– Por perturbar minha aula com interrupções sem sentido – disse a Prof^a Umbridge suavemente. – Estou aqui para lhes ensinar, usando um método aprovado pelo Ministério que não inclui convidar alunos a darem suas opiniões sobre assuntos de que pouco entendem (Rowling, 2015, p. 261).

Quanto maior o abuso de poder de Dolores, sem argumentos, a não ser o uso da violência punitiva e autoritária, maior a argumentação, pelo conhecimento crítico, autônomo e questionador de Hermione. As diferenças se tornam cada vez mais nítidas: a punição como prática de um sujeito que se encontra no poder para tentar anular o questionamento e a criticidade dos alunos que, por sua vez, posicionam-se como resistência que não aceita quaisquer discursos e assume a palavra como arma (argumentação opinativo-reflexiva).

Conforme Paula e Oliveira (2019), os enunciados expressam avaliações sociais e arquetipam a realidade a partir de pontos de vista diversos. Os movimentos anti-Ministério (Armada de Dumbledore) e pró-Ministério (Brigada Inquisitorial) refletem e refratam vozes e axiologias sobre a política intervencionista governamental da saga, iniciada na escola e o embate de forças semiotiza, com acabamento estético simbólico, movimentos políticos reais, como os exemplificados ao longo deste artigo e por outros estudos (como os de Paula e Siani, 2019, 2020a, 2021; Barissa, 2019; e Paula e Moura, 2021).

Segundo Volóchinov (2017), o discurso é arena/palco em que opiniões e interesses contrários se enfrentam. Na interação nasce o embate entre sujeitos, grupos e valores. Há uma

superestrutura dominante na escola, mas, por mais que queira instaurar a monologia e o aparelhamento institucional como política governamental/ministerial, não consegue impedir os alunos, na infraestrutura, de resistirem, de forma responsiva e responsável.

4. RESPONDIBILIDADE: A ARMADA DE DUMBLEDORE E A BRIGADA INQUISITORIAL

Um enunciado nasce em uma esfera e nela circula (Medviédev, 2012). Dessa forma, reflete e refrata um horizonte socioideológico e as necessidades de sua interação em um determinado projeto de dizer – conteúdo, forma e estilo – numa esfera de atividades específica (sempre em contato com outras). Ao discutir sobre ideologia, Medviédev (2012) ressalta que cada enunciado, com suas formas e métodos específicos, possui peculiaridades imprescindíveis, que precisam ser consideradas (Paula, Barissa, e Oliveira, 2019, p. 2.078). As singularidades cotidianas, localizadas na infraestrutura, podem, em atos, resistirem e revolucionarem/transformarem (Ponzio, 2016) a sociedade.

Enquanto a Brigada Inquisitorial contempla alunos selecionados por Umbridge dentro da escola, a Armada de Dumbledore é um movimento clandestino, aberto a quem quiser participar, organizado por Hermione fora da escola (num pub descrito como “mau frequentado” e “sujo”, fora da estrada principal) e reunido às escondidas (na “sala precisa”):

– A onde é que estamos indo, afinal? – perguntou Harry – Ao Três Vassouras?

– Ah... não – respondeu Hermione, despertando do seu devaneio – Não, está sempre lotado e muito barulhento. Disse aos outros para nos encontrarem no Cabeça de Javali, o outro pub, sabe qual é, fora da estrada principal. Acho que é um pouco... sabe... suspeito... mas os estudantes em geral não vão lá, por isso acho que não seremos ouvidos.

(...). O Cabeça de Javali compreendia uma salinha mal mobiliada e muito suja, e tinha um cheiro forte, talvez de cabras. As janelas curvas eram tão incrustadas de fuligem que pouquíssima luz solar conseguia chegar à sala, iluminada com tocos de velas postos sobre mesas de madeira tosca. O chão, à primeira vista, parecia ser de terra batida, mas, quando

Harry o pisou, deu para perceber que havia pedra sob o que concluiu ser uma camada secular de sujeira acumulada (Rowling, 2015, p. 276).

A diferença de ambientes e condições revela hierarquia e poder entre os grupos.

O fato de serem duas mulheres as líderes que atuam na organização dos grupos e forças é relevante, pois, como estudam Paula e Siani (2019), *HP* se estrutura no que Saffioti (1997) denomina “nó patriarcado-capitalismo-racismo” que leva à intersecção gênero-raça-classe (Davis, 2016). O excerto abaixo demonstra a liderança de Hermione:

– Acho que devemos eleger um líder – disse ela.

– Harry é o líder – disse Cho, olhando para Hermione como se ela tivesse enlouquecido.

(...)

– É, mas acho que devíamos votar isso como deve ser – respondeu Hermione sem se perturbar – Torna a coisa formal e dá a ele autoridade. Então: todos acham que Harry deve ser o nosso líder? Todos ergueram as mãos (...).

– Hum... certo, obrigado – disse Harry, que sentia o rosto arder. – E... que foi Hermione?

– Acho também que devemos ter um nome – disse ela, animada, a mão ainda no ar. – Incentivaria o espírito de equipe e a união, que é que vocês acham?

– Será que podemos ser a Liga Anti-Umbridge? – perguntou Angelina, esperançosa.

– Ou o Grupo Ministério da Magia Só Tem Retardados? – sugeriu Fred.

– Eu estive pensando – disse Hermione franzindo a testa para Fred – mais em um nome que não anunciasse a todo o mundo o que pretendemos fazer, de modo que a gente possa se referir ao grupo fora das reuniões sem correr perigo.

– A Associação de Defesa? – arriscou Cho. – A AD, para que ninguém saiba do que estamos falando?

– É, a AD é bom – concordou Gina. – Só que devia significar a Armada de Dumbledore,

porque o maior medo do Ministério é uma força armada de Dumbledore.

Ouviram-se vários murmúrios de agrado e gargalhadas à sugestão.

– Todos a favor da AD? – perguntou Hermione com um ar autoritário, ajoelhando-se na almofada para contar. – Há uma maioria a favor... moção aprovada! Ela prendeu o pergaminho com as assinaturas de todos na parede e escreveu em cima, em letras garrafais: ARMADA DE DUMBLEDORE (Rowling, 2015, pp. 321-322).

O governo teme que alunos, liderados por Dumbledore, invadam o Ministério da Magia. Nas aulas ministradas por Harry, a evolução dos alunos é potencializada. Bakhtin (2010) reitera que o sujeito e a forma pela qual compreende e responde a um enunciado acarreta uma nova resposta (novos Decretos são instaurados à medida em que Umbridge percebe que a resistência ao Ministério cresce). Esses Decretos, como signos ideológicos (Volóchinov, 2017), são construídos a partir de vozes distintas. Professores são perseguidos, considerados influenciadores dos alunos e passam a ser ameaçados também:

POR ORDEM DA ALTA INQUISIDORA DE HOGWARTS

Doravante, os professores estão proibidos de passar informações aos estudantes que não estejam estritamente relacionadas com as disciplinas que são pagos para ensinar.

A ordem acima está de acordo com o Decreto Educacional Número Vinte e Seis

Assinado:

Dolores Joana Umbridge,

Alta Inquisidora.

Este último decreto fora tema de um grande número de piadas entre os alunos. Lino Jordan havia lembrado a Umbridge que, pelos termos da nova lei, ela não podia ralhar com Fred e Jorge por brincarem com Snap Explosivo no fundo da sala.

– Snap Explosivo não tem relação alguma com Defesa Contra as Artes das Trevas, professora! Não é uma informação pertinente à sua disciplina! (Rowling, 2015, pp. 449-450).

Quanto mais autoritária Dolores se apresenta, mais ridicularizada ela é pelos alunos, que a desafiam, pondo à mostra sua falta de autoridade. As “brincadeiras” feitas pelos alunos expressam o desprezo que possuem por Umbridge, assim como denotam o humor e a indisciplina como formas de resistência carnavalizada (Bakhtin, 1987).

As vozes se manifestam na interação de Dolores com seus outros em uma relação eu-para-mim, eu-para-outro e outro-para-mim (Bakhtin, 2010). A Brigada Inquisitorial, nesse momento, possui o mesmo poder que os professores e assume o mesmo *modus operandi* discursivo ditatorial da Inquisidora de Hogwarts.

Há uma relação responsiva entre os dois movimentos que toma forma a partir de um centro de valor (o Ministério da Magia) e as vozes sociais eclodem no jogo eu-outro. Na interação, há, no mínimo, dois sujeitos que refletem e refratam o que pensam.

Em razão do regime totalitário do Ministério da Magia, movimentos favoráveis e desfavoráveis a esse centro de valor respondem eticamente a ele, em ato de reflexo e refração responsável. Os contrários a esse centro de valor (a Armada de Dumbledore) são punidos. Quanto maior a censura na gestão de Dolores, maior a articulação de resistência dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta uma reflexão sobre dois movimentos expressivos no quinto volume da Saga *HP*: a Armada de Dumbledore e a Brigada Inquisitorial. Do ponto de vista bakhtiniano, a obra se ancora na vida, pois reflete e refrata a sociedade no plano da arte (Volóchinov, 1976; Bubnova, 2016; Machado, 2017). Dentre as temáticas recorrentes, a manifestação de um regime autoritário é marcante. O Ministério da Magia envia Umbridge para Hogwarts. Ela atua como professora, Alta Inquisidora e Diretora da escola. Sua gestão é marcada por práticas totalitárias que cerceiam a liberdade por meio de Decretos Educacionais.

A Armada de Dumbledore, idealizada por Hermione, surge em resposta resistente dos alunos às práticas instauradas pelo Ministério na escola. Conforme Volóchinov (2017), o horizonte cultural que permeia a interação é refletido e refratado de forma axiológica. Os atos de linguagem reverberam ideologias que sustentam o discurso de Hermione e Umbridge. Essa unidade mobiliza as forças centrípetas e centrífugas entre sujeitos e vozes.

As questões sobre autoritarismo e resistência existentes em *HP* dialogam com culturas e tempos diversos, pois integram, nos atos do pequeno tempo, valores historicamente existentes no grande tempo (Bakhtin, 2018), como é o caso de ditaduras e outros regimes totalitários (como o fascismo, o nazismo, o maoísmo, o stalinismo, o imperialismo, entre outros), como estudam Paula e Lopes (2020).

No que se refere aos Decretos Educacionais e à intervenção Ministerial em Hogwarts, um paralelo possível remete ao projeto “Escola sem Partido”¹⁶. Essa interação aparece, na saga, por exemplo, pela comparação entre a educação “trouxa” (os não nascidos bruxos), com foco conteudista e a educação “bruxa”, marcada pela formação integral. A perspectiva de Umbridge é a de um sistema educacional falido, fundado no controle dos conteúdos e dos atos dos sujeitos envolvidos no processo (professores e alunos).

No que concerne à resistência, podemos relacionar a saga ao movimento secundarista brasileiro, que, em 2016, ocupou as escolas contra a MP (Medida Provisória) 746 que tentou retirar do currículo matérias como Artes, Sociologia e Filosofia, como forma de desvalorização das Humanidades, responsáveis, de acordo com a proposta do governo, pela reflexão crítica que “de nada serve” e, em seu lugar, inserir no currículo das escolas, matérias técnicas com vistas à profissionalização e à formação de mão de obra. Contra essa Medida, os estudantes secundaristas ocuparam escolas do país todo, protestando contra o projeto de lei, reivindicando a permanência das disciplinas de Humanas citadas. De forma análoga, ainda que configurada esteticamente, na saga fictícia, Hermione funda a Armada Dumbledore, com o objetivo de

16. “Uma educação apartidária, sem doutrinação e livre de ideologias”. Esses são os princípios defendidos no projeto *Escola sem Partido* (EsP), que ganhou força em 2015 e visibilidade nas campanhas eleitorais de 2018 e no início do mandato de Bolsonaro. O que está em jogo é o modelo de educação escolar em vigência no Brasil. Com o alibi de garantir a “imparcialidade ideológica” na educação pública, o projeto propõe a criação de uma lei que fere a liberdade de cátedra dos professores e doutrina os alunos com uma visão específica (e não mais plural, como preconizam os documentos oficiais que norteiam a educação do país), ao tolher as demais. Com foco no que chama de “neutralidade” e “tecnicismo”, o projeto se foca no conteudismo sem reflexão, na concepção de língua apartada da sociedade, como estrutura sistêmica e até mesmo no ensino religioso como pilar para as matérias obrigatórias, como afirma Miguel Nagib, um dos idealizadores do projeto, como crítica a teorias científicas contrárias a determinadas visões (como o darwinismo, que, aos olhos dos autores do projeto – dentre eles, Nagib -, com sua teoria evolucionista, segundo os autores, criacionistas,

“contraria as leis de Deus”). De acordo com diversos estudos da educação, do discurso e da sociologia, pautado em denunciamento, o EsP tolhe a liberdade de expressão e limita a educação (condenando o que Paulo Freire denominou como opressão). Para conhecer o projeto na íntegra, acessar: <https://www.escolasempartido.org/>. Acesso em: 15 out 2021.

aprender a se defender contra as Artes das Trevas e Voldemort, num movimento espontâneo de parte dos alunos, cada vez mais perseguidos, tanto quanto os professores, torturados por discordâncias e posturas, consideradas “subversivas”.

Esta reflexão demonstrou que, ao mesmo tempo em que há forças que tendem a homogeneizar um ponto de vista (no caso, o do Ministério, ancorado na figura de Umbridge), também há forças centrífugas que lutam contra tal homogeneização (como a Armada de Dumbledore, organizada por Hermione e liderada por Harry). Na tensão entre as forças, vozes sociais são expressas pelos grupos que refletem e refratam juízos de valor acerca da intervenção do Ministério na condução da escola. Os movimentos (Armada de Dumbledore e Brigada Inquisitorial) em embate em “A Ordem da Fênix” respondem à gestão de Umbridge e, indiretamente, a Voldemort. O embate entre as vozes que revelam um dos motes do enredo é expresso por atos de linguagem distintos: a imposição da força de um dos Grupos (Dolores, Brigada, Ministério, Voldemort) em oposição ao conhecimento questionador, autônomo e crítico do outro (Hermione, Armada, Hogwarts e Harry).

Em outras palavras, *HP* explicita a violência ditatorial governamental instituída como poder superestrutural hegemônico como o discurso das “trevas” em oposição ao debate crítico argumentativo democrático como discurso resistente e os atos de desobediência cívico-educacional são aclamados como heroicos, dada a autonomia da organização voluntária popular, representada pelos alunos, na infraestrutura escolar, de maneira ética e estética. O acabamento ficcional fantástico literário reflete e refrata valores ancorados no solo social das culturas, de maneira responsiva e responsável. Pensar sobre isso nos leva a refletir sobre o papel da arte e, por meio dela, sobre a história, a cultura e os jogos políticos existentes e essa foi e é a relevância da análise aqui apresentada por nós.

REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M. (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec.
- _____. (2008). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (2010). *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João.
- _____. (2016). *Os gêneros do discurso*. Rio de Janeiro: 34.
- _____. (2017). *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Rio de Janeiro: 34.
- _____. (2018). *Teoria do Romance II – As formas do tempo e do cronotopo*. Rio de Janeiro: 34.
- Barissa, A. B. M. (2019). *Por e para fã: uma análise dialógica de Severo Snape em uma produção transmidiática* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Araraquara (Mimeo).
- Bubnova, T. (2016). *Do corpo à palavra – Leituras bakhtinianas*. São Carlos: Pedro & João.
- Calefato, P.; Ponzio, A; & Petrilli, S. (2007). *Fundamentos de Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Vozes.
- Canclini, N. G. (2013). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EdUSP.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo.
- Escola sem partido. Disponível em: <https://www.escolasempartido.org/>. Acesso em: 25 ago 2021.
- Freitas, M. T. de.; Jobim e Souza, S.; & Kramer, S. (Orgs.). (2003). *Ciências Humanas e Pesquisa – Leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez.
- Geraldi, J. W. (2010). *Sobre a questão do sujeito*. In: Paula, L. de; Stafuzza, G. B. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras. Série Bakhtin - Inclassificável. Volume 1.
- _____. (2012). *Heterocientificidade nos estudos linguísticos*. In Gege (Org.). *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João, pp. 19-39.
- Han, B-C. (2019). *Hiperculturalidade: Cultura e Globalização*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Jakubinskij, L. P. (2015). *Sobre a fala dialogal*. São Paulo: Parábola.
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Machado, I. D. A. (2019). *Experiências estético-dialógicas em arte-ativismo*. ARS, 17(37), pp. 45-74.

Medviédev, P. (2012). *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto.

Memórias da Ditadura. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/>. Acesso em: 25 ago 2021.

Oliveira, N. R. de. (2020). *A febre amarela «minions»: uma análise bakhtiniana* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Araraquara. (Mimeo).

Paula, L. de; Barissa, A. B. M.; Oliveira, N. R. de. (2019). Produções e produtos culturais na sala-de-aula: uma análise crítico-dialógica do fandom de Harry Potter e da franquia Meu Malvado Favorito. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 14 (esp.4), pp. 2071–2087. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12935>.

Paula, L. de; Figueiredo, M. H. de; Paula, S. L. de. (2011). *O marxismo no/do Círculo de Bakhtin*. In: Stafuzza, G. B. (Org). *Slovo*. Curitiba: Appris.

Paula, L. de; Gonçalves, J. de C. (2020). *Gêneros Discursivos na escola: acontecimento emancipatório de leitura. Educação e Linguagens, Campo Mourão* (PR), v. 9, n. 16, pp. 17-52. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/2126/1301>.

Paula, L. de; Lopes, A. C. S. (2020). *A eugenia de Bolsonaro: leitura bakhtiniana de um projeto de holocausto à brasileira. Linguagem*. São Carlos (SP), v. 35, n. 1, pp. 35-76. Disponível em: <http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/769>.

Paula, L. de; Moura, G. C. de. (2021). Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política. *Revista do GEL*. São Paulo, v. 18, n. 1, pp. 169-203. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2966>.

Paula, L. de; Oliveira, F. A. A. de. (2019). O signo resistência nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil. *Entreletras*, v. 10, n. 2, pp. 350 - 371. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/6999>.

Paula, L. de; Siani, A. C. (2019). Gênero raça e classe em Harry Potter. A constituição dialógica de Hermione Granger e Belatriz Lestrange. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, pp. 47-74.

_____(2020a). O sangue puro em Harry Potter e seus ecos dialógicos eugênicos. *Calidoscópio*, São Leopoldo (RS), v. 18, n. 3, pp. 590-615. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2020.183.06>.

_____(2020b). Uma análise bakhtiniana da necropolítica brasileira em tempos de pandemia. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 3, pp. 475-503, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1595>.

Paula, L. de; Siani, A. C. (2021). Filme e Romance: Harry Potter e o Cálice de Fogo. In: Remenche, M. de L. R.; Dionísio, M. de L. *Ler e escrever na cibercultura: concepções e práticas*. Campinas (SP): Pontes, pp. 207-244.

Paula, L. de; Silva, T. N. (2019). Nerve à flor da linguagem - arte e vida em jogo dialógico. *Diálogo das Letras, Pau dos Ferros (RN)*, v. 8, n. 2, pp. 38-57. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/4016>.

Ponzio, A. (2010). *Procurando uma palavra outra*. São Carlos: Pedro & João.

_____(2016). *A revolução bakhtiniana*. São Paulo: Contexto.

Ribeiro, A. P. G.; Sacramento, I. (Orgs.). 2010. *Mikhail Bakhtin: Linguagem, Cultura e Mídia*. São Carlos: Pedro & João.

Rowling, J. K. (2015). *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco.

Saffioti, G (1997). *O poder do macho*. São Paulo: Moderna.

Stam, R. (1992). *Bakhtin – Da Teoria Literária à Cultura de Massa*. São Paulo: Ática.

Volóchinov, V. (2013). *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João.

_____(2017). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Rio de Janeiro: 34.

_____(2019). *Palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Rio de Janeiro: 34.

